

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano IV | Volume 10 | Nº 28 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6527576>



## TRIPOLARIDADE TRICOLOR: A FRANÇA DE EMMANUEL MACRON ENTRE EXTREMOS

*Carlos Frederico Pereira da Silva Gama<sup>1</sup>*

### Resumo

Em 24 de Abril de 2022, Emmanuel Macron se reelegeu para a Presidência da República Francesa. Sua vitória sobre Marine Le Pen, entretanto, se provou menor do que a obtida em 2017. A reeleição de Macron e a vitória do partido “France En Marche” indicam uma mudança significativa nos padrões de relacionamento entre o eleitorado e o sistema partidário. O desgaste de partidos tradicionais e a fragmentação do sistema político se acentuaram, levando ao fim da bipolaridade que marcou a 5ª República na França – com o declínio simultâneo de gaullistas e socialistas. Uma nova configuração tripolar contrapõe novos liberais, antigos fascistas e a esquerda radicalizada. A desilusão do eleitorado com as políticas públicas de Macron e o desgaste da persona presidencial no plano externo durante a pandemia coincidiram com o crescimento da extrema-direita e sua normalização com Le Pen. A situação se refletiu no aumento dos índices de abstenção na eleição. A segunda vitória de Macron não traz uma repetição do cenário de 2017. Os traços da crise em curso nas democracias liberais – que têm crescentes dificuldades para produzir liberdade e prosperidade, igualdade e dignidade num mundo em transformação – seguem agravados, mais nítidos.

**Palavras chave:** Democracia. Eleição Presidencial. Emmanuel Macron. França.

### Abstract

In April 24, 2022, Emmanuel Macron was re-elected for the French presidency. His triumph over Marine Le Pen, nevertheless, was less impressive than the one obtained in 2017. Macron’s re-election and the victory of “France En Marche” indicate a significant shift in the patterns of relationship between constituencies and the party system. The erosion of traditional parties and the fragmentation of the political system were enhanced, accelerating the end of bipolarity that marked the Fifth Republic in France – with the simultaneous downfall of Gaullists and Socialists. A new tri-polar configuration includes new liberals, old fascists and a radicalized Left. Electoral delusion with Macron’s public policies and the erosion of the presidential figure on the external front during pandemics coincided with the rise of the Far-Right and its normalization under Le Pen. This situation was reflected in growing abstention indexes. Macron’s second election does not bring France back to 2017. Features of the ongoing crisis in liberal democracies – with noticeable shortcomings in terms of fostering freedom and prosperity, equality and dignity in a shifting world – remain in place, more visible than before.

**Keywords:** Democracy. Emmanuel Macron. France. Presidential Election.

Em 24 de Abril de 2022, Emmanuel Macron se reelegeu para a Presidência da República Francesa. O mandatário obteve 18.799.641 votos contra 13.297.670 votos dados a Marine Le Pen no segundo turno do pleito presidencial (MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR, 2022). Macron emergiu das urnas da pandemia menor que em seu primeiro mandato – no qual obtivera, no segundo turno de 2017, quase o dobro dos votos de sua concorrente Le Pen – respectivamente, 20.743.128 votos e 10.638.475 (Idem, 2017). Além da diminuição da sua margem de vantagem, o presidente obteve quase dois milhões de votos a menos em 2022 do que obtivera em 2017 – apesar de, no primeiro turno, ter aumentado em sua votação em mais de 1 milhão de votos.

<sup>1</sup> Doutor em Relações Internacionais. Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail para contato: [carlosfredericopds@gmail.com](mailto:carlosfredericopds@gmail.com)



O paradoxo do crescimento de Macron no primeiro turno e sua diminuição no segundo turno indica uma mudança significativa nos padrões de relacionamento entre o eleitorado e o sistema partidário. 5 anos depois, o presidente e seu partido “*France En Marche*” não figuram como novidades políticas. A persistência de sua popularidade (candidato mais bem votado em todos os turnos desde 2017) foi acompanhada da perda da amplitude do seu discurso em face da ascensão da extrema-direita e do desgaste da *persona* presidencial – tornando-o, para muitos votantes franceses, menos competitivo frente ao discurso radical de Le Pen e mais parecido com seus antecessores, rejeitados nas urnas.

No pós-Segunda Guerra Mundial, apenas em duas ocasiões a França havia sido governada pelo mesmo partido em eleições consecutivas. Os Socialistas permaneceram durante 14 anos no *Élysée* com François Mitterand – período que compreendeu a queda do Muro de Berlim e a fundação da União Europeia após o Tratado de Maastricht (1981-1995). Em seguida, Jacques Chirac obteve dois mandatos consecutivos e fez seu sucessor (GAMA, 2021a). Em 2002, Nicolas Sarkozy deu continuidade ao governo do *Union pour un Mouvement Populaire* (UMP), uma das legendas que buscava reunir o legado do general Charles de Gaulle, libertador do país e fundador da 5ª República em 1958.

Gaullistas e Socialistas – grandes forças políticas do país nos últimos 75 anos – foram separados apenas por Valéry Giscard d'Estaing, liberal que sucedeu o falecido Georges Pompidou em 1974. Esse bipartidarismo francês (já de longa data) recentemente deu lugar a uma configuração tripolar.

No século 21, em três ocasiões a extrema-direita chegou ao segundo turno de eleições presidenciais, com a família Le Pen. O patriarca Jean-Marie, fundador do partido *Front National*, de inspiração fascista, foi esmagado por Chirac no pleito de 2002. Sua herdeira Marine liderou o renomeado *Rassemblement National* contra o liberal Macron em duas ocasiões. Em 2017, Marine colheu uma derrota quase tão grande quanto a de seu pai. Já em 2022, a diferença diminuiu significativamente.

A ascensão da extrema-direita (também marcante nas eleições regionais francesas e nas eleições para o Parlamento Europeu) coincidiu com uma crise profunda das democracias liberais ao longo do século 21. Efeitos não-pretendidos da Globalização (como a precarização do trabalho e a simultaneidade e velocidade de crises financeiras, como a de 2008) reavivaram teses nativistas e isolacionistas. A mobilidade de trabalhadores no bloco europeu se tornou um dos bodes expiatórios de recessões prolongadas (sobreposta com atitudes racistas para com os migrantes das ex-colônias). A ascensão do terrorismo de matriz religioso nas duas primeiras décadas do século desgastou governos gaullistas e socialistas e favoreceu a ascensão de uma liderança nacionalista nostálgica.

A repaginada do *Front National* ao longo da transição geracional da família Le Pen trouxe o partido da órbita fascista para um borbulhante populismo antiglobalizante e crítico da integração



européia. Além de capturar parte do ideário nacionalista de De Gaulle e herdeiros, no bojo da ascensão de lideranças similares na Polônia e Hungria, Marine Le Pen se tornou nome aceitável no *mainstream* da política francesa – a revista *The Economist* a classificou de “nacionalista populista” (THE ECONOMIST, 2022), em contraste com outras candidaturas da extrema-direita, como a do reacionário Éric Zemmour (“*Reconquête*”). A confluência das forças políticas do país para derrotar o FN em 2002 se repetiu, em doses moderadas, em 2015. Em 2022, uma vitória *apenas de Macron* ficou mais visível no cômputo geral.

O hibridismo de Macron trouxe dividendos eleitorais, e também dificuldades para o governo da “nova política” em seu primeiro mandato. Vitorioso sobre Le Pen com uma plataforma liberalizante, europeísta e modernizadora (GAMA, 2021b), Macron esbarrou numa dupla onda de crises, a primeira motivada por mobilizações populares sob a égide dos *Gilets Jaunes*. Vieram à tona no cenário francês – com meia década de atraso em relação a movimentos como os que constituíram a Primavera Árabe, os Indignados, Occupy Wall St. e Junho de 2013 no Brasil – o declínio de trabalhadores e classes médias ao longo do século, mesclado a diversas contestações, nostalgias autoritárias e utopias libertárias.

O discurso tecnocrático do ex-ministro da Economia de François Hollande (mesmo cargo ocupado por seu inspirador D’Estaing exatas cinco décadas antes) se provou insuficiente para aplacar a insubmissão popular. O presidente foi forçado a realizar, nos primeiros anos de mandato, extensa consulta popular que coincidiu com a virulência das demandas dos *Gilets Jaunes* – capazes de ofuscar outros movimentos do período, como os movimentos pela preservação do Meio Ambiente.

Nesse sentido, o primeiro mandato da “*France En Marche*” permaneceu num incômodo impasse.

A recuperação do poder de compra da população francesa – promessa crucial de campanha – seria adiada pela pandemia do novo coronavírus, que atingiu duramente a França entre meados de 2020 e o Natal de 2021. Apesar de desfrutar de um crescimento do PIB superior a 7% após a vacinação, a recuperação econômica no Hexágono se mostrou frágil e desigual, além de ter grande dependência de variáveis europeias. No primeiro mandato presidencial sob Macron, a média de crescimento do PIB francês foi de modestos 1.05% anuais (WORLD BANK, 2022) – cifra inferior às de seus antecessores.

A guerra da Rússia contra a Ucrânia em 2022 jogou mais lenha na fogueira. No curso da Guerra Civil na Síria (ex-colônia francesa), Macron se aproximou da Rússia de Vladimir Putin (GAMA, 2021c) – uma aliança que impediu um confronto aberto entre integrantes da OTAN e a herdeira da ex-União Soviética no espaço aéreo do Oriente Médio. Acossado pela onda de atentados do grupo “Estado Islâmico”, Macron reverteu a política intervencionista de seus antecessores Sarkozy e Hollande, responsáveis por intervenções militares (alegadamente humanitárias) na Líbia e no Mali. Como nos últimos anos de Chirac, a França condenou intervenções no Oriente Médio e Norte da África, como em



2003, ano em que o Iraque foi invadido por uma coalizão comandada pelos Estados Unidos de George W. Bush.

Em 2022, essa proximidade se tornou paradoxal em face do abismo diplomático, estratégico e econômico que se abriu entre a União Europeia e a Rússia. Tentativas de mediação fracassaram e, em campanha eleitoral, Macron foi forçado a substituir a retórica diplomática pela exortação das sanções econômicas (que, por sua vez, podem limitar o horizonte da recuperação econômica europeia e global). A liderança do presidente francês no front externo se limitou ao âmbito europeu e, nesse quesito, foi circunscrita pelos últimos anos de Angela Merkel como chanceler da Alemanha (GAMA, 2022).

Le Pen e Macron foram beneficiários do desgaste progressivo de gaullistas e socialistas. Crescentes denúncias de corrupção contra ex-mandatários impactaram a campanha do gaullista François Fillon em 2017 e reduziram o eleitorado dos Socialistas para índices inferiores a 7% (tanto com Benoit Hamon quanto com a prefeita de Paris Anne Hidalgo). Sintomaticamente, a luta anticorrupção figurou com destaque em ambas campanhas no segundo turno francês. O índice de abstenção nos dois turnos de 2022 (mais de um milhão de eleitores a menos em comparação com 2017) já oferecera um sintoma desse mal-estar dos eleitores franceses com seus habituais governantes.

Se a “ideia da França” como nacionalidade e civilização autônoma migrou, em pedaços, do gaullismo para a extrema-direita, porções do ideário de *igualdade, liberdade, fraternidade* foram retirados dos socialistas para “*La France Insoumise*”, agremiação de inspiração trotskista sob a liderança de Jean-Luc Mélenchon. O candidato logrou aumentar sua fatia do bolo eleitoral para acima dos 20%, ao passo que os gaullistas naufragavam e socialistas eram reduzidos à proporção de partido nanico. Vencedor na Île-de-France, entre os jovens e em grandes centros metropolitanos, Mélenchon acena com os limites da amarração liberal do ideário proposto pela “*France En Marche*”, apontando sua desconexão para com a realidade de milhões de franceses nos *banlieus* das metrópoles (com a exceção de Paris, cujos *arrondissements* de mais poder aquisitivo seguiram o curso do segundo turno). Ao mesmo tempo, Mélenchon recupera teses que Mitterrand progressivamente abandonou no curso de seu longo mandato – indicando que o *revival* do socialismo dos anos 1980 é improvável.

Associações entre a globalização, a integração regional e a prosperidade econômica foram capazes de alçar duas vezes Macron ao segundo turno e colaboraram para suas vitórias sobre Le Pen. Porém, em nenhuma ocasião o mandatário obteve sequer 1/3 dos votos válidos no primeiro escrutínio. Tais teses se tornaram minoritárias mesmo numa das maiores economias do globo e segunda da Europa. Ao propor a articulação liberal como “nova política”, Macron procurou se desvencilhar de agruras que vitimaram os herdeiros de Chirac e Mitterrand. O contexto em que essa redefinição foi proposta coincidiu com crises locais e globais, nos quais as fronteiras das políticas públicas se acentuaram. Além



das crises do período, Macron enfrenta um paulatino desgaste das teses liberais para produzir simultaneamente liberdade e prosperidade, igualdade e dignidade num mundo em transformação.

Novos liberais, antigos fascistas, a esquerda radicalizada. Essa tripartição substituiu as coordenadas duais que ordenaram a política francesa após a vitória do general De Gaulle. Menos reconhecível do que no passado recente, a França contempla suas possibilidades futuras em meio à crise sistêmica.

O desgaste de partidos tradicionais e a fragmentação dos sistemas políticos são características marcantes do século 21 e definem a crise das democracias liberais em curso desde a queda do Muro de Berlim (GAMA, 2021d). Esse traço é visível através do continente europeu e nos dois braços do Oceano Atlântico.

A segunda vitória de Macron não traz uma repetição do cenário de 2017. Os traços de crise seguem, agravados, mais nítidos. Os louros da conquista reluzem menos, à sombras das dúvidas e sob o peso das perdas individuais e coletivas geradas pela pandemia da COVID-19. Louros esses que, pela primeira vez em décadas, parecem de difícil compartilhamento com os colegas da União Europeia e mesmo com outros integrantes da aliança informal que se consolida contra a agressão russa em 2022. A reiteração de Macron traz passos cambiantes de uma hesitante França num mundo em redefinição.

## REFERÊNCIAS

GAMA, C. F. P. S. "Entre a Globalização e Autarquia: a França de Jacques Chirac". In: GAMA, C.F.P.S. **Ensaio Global: Da Primavera Árabe ao Brexit (2011-2020)**. Curitiba: Editora Appris, 2021a.

GAMA, C. F. P. S. "A Eleição Presidencial na França e a União Europeia em Crise". In: GAMA, C.F.P.S. **Ensaio Global: Da Primavera Árabe ao Brexit (2011-2020)**. Curitiba: Editora Appris, 2021b.

GAMA, C. F. P. S. "Idas e Vindas na Segurança Coletiva: a ONU entre as Torres Gêmeas e o ISIS". Em GAMA, C.F.P.S. **Ensaio Global: Da Primavera Árabe ao Brexit (2011-2020)**. Curitiba: Editora Appris, 2021c.

GAMA, C. F. P. S. "Vitórias Inconclusivas: o Desgaste da Democracia Liberal". In: GAMA, C.F.P.S. **Ensaio Global: Da Primavera Árabe ao Brexit (2011-2020)**. Curitiba: Editora Appris, 2021d.

GAMA, C.F.P.S. "End of the Merkel Era: Germany after COVID-19". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 26, janeiro, 2022.

MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR. **Election présidentielle 2017**. Paris: Ministère de L'Intérieur, 2017. Disponível em: <<https://www.interieur.gouv.fr/Elections>>. Acesso em: 25/04 2022.



MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR. **Election présidentielle 2022**. Paris: Ministère de L'Intérieur, 2022. Disponível em: <<https://www.resultats-elections.interieur.gouv.fr/presidentielle-2022>>. Acesso em: 25/04/2022.

THE ECONOMIST. “Our Coverage of the Fight for the Presidency”. **The Economist** [25/04/2022]. Disponível em: <<https://www.economist.com>>. Acesso em: 25/04/2022.

WORLD BANK. “GDP (current US\$) – France”. **World Bank** [25/04/2022]. Disponível em: <<https://data.worldbank.org>>. Acesso em: 25/04/2022.



## **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**

Ano IV | Volume 10 | Nº 28 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

### **Editor chefe:**

Elói Martins Senhoras

### **Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### **Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima